

O PROCESSO CRIATIVO COMO MERGULHO: REVERBERAÇÕES E RELATOS DA PRÁTICA DE CRIAÇÃO CÊNICA

ANA LAURA BIANCHINI¹; YASKA ANTUNES²

¹Universidade Federal de Pelotas – ana.laurabianchini18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – yaskaantunes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, trago o relato de um processo de criação teatral na perspectiva de realizar uma analogia com o ato de mergulhar. Para isso, proponho uma análise de um processo de criação, ultrapassando o seu valor utilitário, estético e restrito ao campo da linguagem teatral, como sendo um grande mergulho em temáticas que inter cruzam saberes, com potencial transformador dos envolvidos. Essa reflexão é resultado da disciplina de Encenação Teatral I, presente no currículo do curso Teatro Licenciatura da UFPel, coordenado pela professora Yaska Antunes. Durante a disciplina, cada aluno da turma realiza a direção de um processo criativo para apresentar abertamente ao final do semestre uma cena, performance ou espetáculo, como resultado das suas pesquisas pessoais.

A partir da criação do espetáculo *Hora azul*, sob minha direção, tenho identificado aspectos como a reflexão e a atenção comportamental perante o nosso tempo como um dos pontos de partida para a metodologia e o desenvolvimento da criação. Dessa forma, objetivo com esse relato apresentar o processo de criação teatral como ferramenta de conhecimento e de interseccionalidade entre diversos campos do conhecimento.

Para aprofundar a reflexão teórica a respeito do processo de direção teatral utilizo a pesquisadora BOGART; ANNE (2001). Ademais, o filósofo HAN BYUNG-CHUL (2015) tem sido a referência de partida para pensar as temáticas que circundam a estrutura do espetáculo. O exercício a que nos propomos inclui então o de buscar como articular diferentes campos do conhecimento, como a arte do teatro e a filosofia, tomando como base a metodologia do processo colaborativo, de acordo com as proposições de FISCHER; STELA (2010).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Para iniciar um processo de criação cênica, inúmeras linguagens, abordagens e metodologias podem coexistir. Para a disciplina de Encenação Teatral I, optei por criar a partir do processo colaborativo. Inspirada por uma criação de grupo em que as hierarquias dentro do trabalho fossem mais abertas, escolhi realizar um processo colaborativo, pois, ele aprofunda uma metodologia em que “os integrantes partilham de um plano de ação comum, baseado no princípio de que todos têm o direito e o dever de contribuir com a finalidade artística” (FISHER, p. 39). Assim, os atores também participam da criação da dramaturgia, da direção e pensamos em conjunto o figurino, sonoplastia e as demais outras funções.

Não possuo nenhum texto teatral como ponto de partida para essa criação, logo, passei a investigar temáticas que fossem do meu interesse e me nutrir das mais variadas referências. Dessa maneira, antes do início da disciplina, já imersa na tarefa da direção teatral, reuni frases de filmes, imagens e fragmentos de livros

que de certa forma conversavam com o meu interesse criativo. Poucas dessas referências continuaram presentes no processo, porém, foram importantes para começar a identificar quais seriam as temáticas do processo de criação. Entre as referências, existem os mais variados materiais, como pesquisas sobre os anjos da religião católica, imagens de filmes do diretor brasileiro Glauber Rocha, fragmentos de livros do escritor uruguaio Eduardo Galeano, etc.

Com o início da disciplina, comecei os ensaios com dois atores, Caio Tavares e Leonan Fernandes, todas as terças-feiras à tarde, das 14:30h às 17h. Conforme a proposta metodológica colaborativa, os ensaios seguem uma estrutura prévia de alongamento, aquecimento e criação de cena; porém, aceitando a mudança e estimulando propostas dos próprios atores envolvidos. Depois de um mês de ensaio, creio que a temática do trabalho ficou melhor definida através do encontro com o livro *Sociedade do Cansaço* (2015) de Byung Chul-Han. As temáticas que já habitavam aspectos da vida contemporânea: o constante esgotamento pessoal, a auto exploração individual e a obsessão pela produtividade, a partir desse momento, ganharam um aprofundamento filosófico e teórico através do autor.

Dessa maneira, a pesquisa teórica passou a ser compartilhada com os atores, adicionando aos encontros práticos, encontros de debate de ideias e de leituras de fragmentos do livro de Han. A partir dessa troca entre filosofia, arte e experiências individuais, está sendo trabalhada a criação de cenas através de relatos dos participantes, procurando identificar situações presentes em nosso tempo. Como exemplo de um destes encontros, pode-se citar um ensaio que foi realizado em uma praça movimentada de Pelotas. A proposta foi de que tentássemos ampliar nossos sentidos ao ficarmos sozinhos, apenas observando e captando aquele instante. Com isso, buscamos identificar as dificuldades e vulnerabilidades presentes em não fazer nada ou não ter que fazer nada e apenas contemplar o dia.

Conjuntamente aos encontros de ensaios com os atores, as aulas da disciplina continuam acontecendo todas as terças-feiras de manhã. Nesses momentos, estão sendo abordados estudos sobre a história da encenação, seus conceitos, conhecimentos sobre os diversos campos que envolvem uma montagem (produção, direção, figurino, iluminação, sonoplastia, metodologias de trabalho).

Antes de entrar de fato nos relatos gerados pelo processo criativo, vale a pena nos determos na noção de "mergulho". O termo mergulho é uma derivação do verbo "mergulhar". A etimologia da palavra mergulhar, do Latim MERGULIARE, de MERGULUS, diminutivo de MERGUS, refere-se a "imersão na água ou em outro líquido, afundar-se completamente na água."¹ O ato de mergulhar é a ação de imergir em um lugar desconhecido. Um mergulhador, quando mergulha, entra em um outro tempo e em um outro espaço, onde vivencia uma diferente possibilidade de mundo, um local em que tanto a atmosfera visual, quanto a espacial e temporal são diferentes. Proponho-me a pensar o processo de criação cênica como um mergulho em um mundo que, durante o processo, contagia nosso corpo como uma espécie de vírus, que contamina a forma como enxergamos e nos relacionamos com o mundo. A autora e diretora Anne Bogart no livro *A*

¹ Fonte: Origem da Palavra, Rio de Janeiro, 2021. <https://origemdapalavra.com.br/palavras/mergulhar/> Acesso em 22/09 e Michaelis, dicionário brasileiro da língua portuguesa <https://michaelis.uol.com.br/palavra/Xp4ee/mergulhar/> Acesso em 06/10

preparação do diretor (2001) coloca que “A realidade depende daquilo que escolhemos observar e do modo como escolhemos fazê-lo.” (BOGART P. 18). Assim sendo, uma pesquisa criativa que nos convoca a mergulhar em uma determinada temática, escolhida por nós, pode fazer com que o nosso olhar cotidiano também se transforme, levando assim à modificação da nossa realidade. Creio que, quando mergulhamos em uma temática, através do processo de criação, passamos a nos portar diferente perante a vida, pois, algo despertou e inquietou nossos pensamentos e agora, minhas vivências estão relacionadas a isso.

No livro *Sociedade do cansaço* (2005), o autor nos convida a refletir sobre a sociedade que vivenciamos, a qual ele denomina de sociedade do desempenho. Tratando de inúmeras questões do nosso tempo, Byung-Chul Han aponta a violência silenciosa de um excesso de positividade que leva a uma auto exploração, numa busca interminável pelo desempenho e produtividade. Assim, o autor aponta que:

O que nos torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós moderna do trabalho (HAN p.27)

Han coloca em suas discussões, conceitos como a autoexploração, o sujeito como explorador e explorado de si mesmo e a cobrança excessiva pela produtividade, ocasionando o desaparecimento de tempos ociosos e o enfraquecimento das relações, experiências que não apresentam eficácia para o mundo do trabalho. Percebendo esses aspectos corporalmente e socialmente, decidi compartilhar essa reflexão filosófica com o meu elenco do processo criativo, buscando direcionar nossos olhares ao nosso tempo, ao nosso redor e aos nossos comportamentos. A partir da identificação de questões problemas a qual gostaríamos de mergulhar, relacionada à sociedade contemporânea, meu olhar acordou sobre essas questões ao meu redor e, após isso, acordou para meu elenco. Assim, reflexões e apontamentos sobre aspectos que condizem com os reflexos da produtividade capitalista em nossos corpos e como isso pode adoecer nossa mente, levando a depressão, burnout e enfraquecendo relações continuaram a se espalhar em nosso processo criativo. Sobre isso, trago novamente a imagem de um mergulho ou de um vírus que imerge em nosso corpo, conforme a colocação de Bogart, quando identifica-se uma grande questão, presente em uma dramaturgia, somos sensibilizados por ela e então:

Nesse momento, tudo o que vivencio no cotidiano está relacionado a ela. A questão foi liberada em meu inconsciente (...) A doença da questão se espalha: para os atores, cenógrafos, figurinistas, técnicos e, por fim, para a plateia. No ensaio, tentamos encontrar formas e modelos que possam conter as questões vivas no presente, no palco. (BOGART p. 29-30).

Logo, incentivo que os atores percebam o mundo ao seu redor, suas reações e comportamentos, relacionados à temática que circunda o trabalho para que o processo criativo aconteça. Tenho recebido relatos dos atores buscando identificar e modificar seus comportamentos, trazendo inquietações e reflexões sobre o trabalho que estamos realizando. Ambos comentam estarem mais atentos à contemplação do dia ao seu redor. Sendo assim, além da reflexão teórica servir para a criação de cenas para a encenação, ela também está sendo aplicada em nossas vidas. Particularmente, o processo criativo me proporcionou identificar

pequenas violências que minha mente comete comigo, sempre em que eu não estou produzindo ou pensando nisso. Com isso, percebo que o processo de criação teatral tem a potencialidade de transgredir o trabalho na sala de ensaio para as nossas vivências pessoais, expandindo sua restrição ao campo teatral, podendo acordar nossos olhares para a vida que acontece ao nosso redor e para os nossos comportamentos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que trabalhar com teatro e processos criativos cotidianamente é algo que pode ser revolucionário. Além do teatro ser uma ferramenta de conhecimento de si e do outro, seu potencial político e investigativo é revelado quando existe uma inquietação do artista perante o mundo. Concordo com Anne Bogart quando ela coloca que “Os artistas é que criarão um futuro possível de viver, por meio de sua capacidade de articular a transitoriedade e a transformação.” (BOGART, P. 12). A palavra transitoriedade e transformação se apresentam como eficientes para definir as conclusões deste trabalho. Percebo que o processo de criação teatral transita em certas temáticas e, com isso, desenvolve o potencial de transformação, seja dos indivíduos envolvidos seja do público no momento do espetáculo.

Dessa maneira, além da disciplina de encenação ser o início de uma formação técnica da linguagem teatral, o processo criativo tem esse poder de não ser algo utilitário ou finito, ele reverbera em nossos corpos durante seu tempo de ativação. Com a criação desse espetáculo, já foi possível transitar entre campos da filosofia, literatura, história, das ciências sociais e corporeidades. Creio que quanto mais um artista pode se apropriar de diversos campos do conhecimento mais o trabalho pode se desenvolver a partir de diferentes possibilidades.

Por fim, termino minha reflexão com um dilema a respeito das temáticas que aqui foram discutidas. Pergunto-me se o mergulho e a contaminação do processo criativo, que pontuei acima, não pode se configurar também como o que Byung-Chul Han chama de auto exploração ocasionada pela sociedade do desempenho que estamos imersos. O processo que é um trabalho deixa de se reservar para um determinado horário específico e acaba invadindo nosso corpo, tomando nossas horas, nosso olhar, sonhos e tempo de sono. Entretanto, creio que trabalhar com a arte, em um contexto em que se tem certa liberdade, sendo um campo do saber que tem profunda relação com a nossa subjetividade e nós mesmos já possa romper com as próprias normativas da sociedade do trabalho.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de *Diana Pimentel*. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

BOGART, Anne. **A preparação do diretor**. Tradução de *Ana Maria M. de Oliveira*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

FISCHER, Stela. **Processo colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras**. Campinas, SP. Hucitec, 2003.